

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Cezar Augusto Vieira Junior

**PROJETO EXISTENCIAL, INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA E USO DE  
CRACK**

Santa Maria, RS  
2017

**Cezar Augusto Vieira Junior**

**PROJETO EXISTENCIAL, INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA E USO DE CRACK**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Adriane Rubio Roso  
Coorientador: Prof. Dr. Hector Omar Ardans-Bonifacino

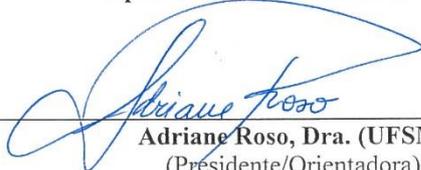
Santa Maria, RS  
2017

Cezar Augusto Vieira Junior

**PROJETO EXISTENCIAL, INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA E USO DE CRACK**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Aprovado em 07 de abril de 2017:



---

**Adriane Roso, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Daniela Ribeiro Schneider, Dra. (UFSC)**



---

**Noeli Dutra Rossatto, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2017

## AGRADECIMENTOS

*À minha mãe, Vera, por possibilitar o caminho que escolhi, mantendo-se ao meu lado e acreditando no meu trabalho, além de ser um exemplo de perseverança e serenidade.*

*Aos meus irmãos, Henrique e Victor, pela inigualável companhia que me prestam sempre, pelas distrações quando a ansiedade bate forte e pelas risadas que estão sempre presentes.*

*À professora Adriane, por orientar-me nesse caminho árduo do mestrado, respeitando o meu próprio caminhar. Por me ouvir, compreender e apoiar nos momentos difíceis. Pelo exemplo como profissional.*

*Ao professor Omar, pelas conversas amistosas que sempre acontecem no momento certo, pela amizade ao longo da graduação (e além) e orientação do trabalho de conclusão de curso, acompanhando meus primeiros passos existencialistas.*

*Ao Erik, por tornar esse trabalho possível.*

*À Rafaela, à Elisa e ao Gean, por me acompanharem de perto durante essa caminhada, contribuindo para a construção deste trabalho e me fazendo descobrir as potencialidades teatrais.*

*À Bibiana, Luana, Pablo, Maurício e Leonardo, pela amizade e pelos momentos de diversão e jogos eternos, possibilitando as eventuais fugas do mestrado.*

*Aos colegas do grupo de pesquisa Saúde, Minorias Sociais e Comunicação, que certamente tornaram essa jornada mais leve.*

*À Maria Eduarda e à Michele, pelo grande auxílio durante a seleção do mestrado.*

*À Elvira e à Pantera, pela companhia e carinho incessante, conseguindo me fazer rir mesmo nos piores dias.*

*Aos(às) companheiros(as) que conheci durante o movimento de ocupação do CCSH, que são tantos que seria difícil nomear, pelas inúmeras conversas, debates e risadas, e pelo crescimento pessoal que me proporcionaram.*

*À Liara, pela atenção e paciência na secretaria do PPGP, sempre disposta a esclarecer quaisquer dúvidas nas burocracias do mestrado.*

*Aos (às) professores(as) Daniela Schneider e Noeli Rossatto, por aceitarem o convite para compor minha banca de defesa de dissertação, pelas contribuições e aprendizado.*

*À CAPES, pelo apoio financeiro, permitindo dedicação exclusiva ao mestrado.*

*A todos que, de alguma forma, fizeram parte de minha vida durante essa etapa, fazendo parte da construção de uma volta dessa espiral que é a vida.*

*A todos, meus mais sinceros agradecimentos!*

## RESUMO

### PROJETO EXISTENCIAL, INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA E USO DE CRACK

AUTOR: Cezar Augusto Vieira Junior

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriane Roso

COORIENTADOR: Prof. Dr. Hector Omar Ardans-Bonifacino

Com a presente dissertação, voltamos nossa atenção para a pessoa que passou pela experiência de internação compulsória devido ao uso de crack. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, situada na área da Psicologia Social, mais especificamente na Psicologia Social Crítica, devido ao potencial questionador e transformador que esta teoria fundamenta. Em consonância, lançamos mão da abordagem existencialista proposta por Jean-Paul Sartre, que situa o sujeito no mundo concreto e o compreende como construído social e historicamente, fundamentado em sua liberdade. O objetivo geral de nossa pesquisa é: compreender o projeto existencial de uma pessoa que viveu a experiência de internação compulsória devido ao uso de crack. Como objetivos específicos, destacamos: questionar o assujeitamento relacionado às pessoas que fazem uso de crack; analisar o efeito do discurso de terceiros sobre o discurso da pessoa internada compulsoriamente devido ao uso de crack; identificar os processos de exclusão de pessoas que fazem uso de crack imbricados no sistema neoliberal. A dissertação é composta por dois manuscritos que exploram, por ângulos diferentes, mas complementares, o fenômeno do consumo de crack e da internação compulsória. O primeiro deles, intitulado “O olhar da Medusa: reflexões sobre o uso de crack e a internação compulsória”, trata-se de um ensaio teórico-crítico sobre o dispositivo de internação compulsória e o uso de crack, através de uma analogia com o mito da Medusa. O segundo manuscrito, “A faculdade foi a melhor coisa que eu inventei pra fugir do crack’: notas sobre projeto existencial”, visa compreender o projeto existencial de uma pessoa que passou pela experiência de internação compulsória devido ao uso de crack, quando utilizamos entrevistas em profundidade para (re)construir uma narrativa da história da vida de uma pessoa que vivenciou o fenômeno estudado. A título de conclusão, fica evidente a necessidade da constante reflexão acerca do uso de drogas, para além do crack apenas, como um meio de desconstruir relações de exclusão e possibilitar um acesso adequado à saúde àqueles que assim desejarem. Além disso, a internação compulsória pode restringir as possibilidades daquele que é internado, sem resultar em uma “cura” para o uso de crack. O caminho mais efetivo para a redução ou cessamento do consumo é a redução de danos, respeitando o desejo e as possibilidades do sujeito.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Sartre; Internação Compulsória; Crack.

## **ABSTRACT**

### **EXISTENTIAL PROJECT, USE OF CRACK AND COMPULSORY HOSPITALIZATION**

**AUTHOR:** Cezar Augusto Vieira Junior

**ADVISOR:** Prof. Dr. Adriane Roso

**COADVISOR:** Hector Omar Ardans-Bonifacino

With this thesis, we direct our attention to the person that went through the experience of compulsory hospitalization due to the use of crack. This is a qualitative research, located in the Social Psychology area, specifically in the Critical Social Psychology, due to the questioning and transforming potential this theory finds. In agreement, we make use of the existential approach proposed by Jean-Paul Sartre, who situates the subject in the concrete world and understands them as socially and historically built, founded in his freedom. The general goal of our research is: understand the existential project of a person who lived the experience of compulsory hospitalization due to the use of crack. As specific goals, we highlight: questioning the antipersonification related to people who make use of crack; analyse the effects of the discourse of others over the discourse of the compulsorily hospitalized person due to the use of crack; identify the process of exclusion of people who make use of crack interwoven in the neoliberal system. The thesis is composed of two manuscripts that explore, through different, but complementary, angles, the phenomena of crack consume and compulsory hospitalization. The first, entitled “The gaze of Medusa: thoughts on the use of crack and compulsory hospitalization”, is a theoretical-critical essay about the device of compulsory hospitalization due to the use of crack, through the analogy of the Medusa myth. The second manuscript, “College was the best thing I came up with to escape crack’: notes about existential project”, aims to understand the existential project of a person who went through the experience of compulsory hospitalization due to the use of crack, where we make use of in-depth interviews to (re)build the narrative of the lifestory of a person who experienced the studied phenomena. As a conclusion, the need of constant reflexion about the use of drugs becomes evident, beyond crack only, as a means to deconstruct relations of exclusion and possibilite an adequate access to health for those who desire so. Besides this, the compulsory hospitalization may restrain the possibilities of the one who is hospitalized, without resulting in a “cure” for the use of crack. The most effective way for the decreasing or ceasing of the consume is the reduction of harm, respecting the desires and possibilities of the subject.

**Keywords:** Social Psychology; Sartre; Compulsory Hospitalization; Crack.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>MANUSCRITO 1</b> - O Olhar da Medusa: reflexões sobre o uso de crack e a internação compulsória. ....	12
<b>MANUSCRITO 2</b> - “A faculdade foi a melhor coisa que eu inventei pra fugir do crack”: notas sobre projeto existencial.....	13
<b>DISCUSSÃO</b> .....	14
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	17
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	20
<b>APÊNDICE A</b> – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	24

## INTRODUÇÃO

O ser humano sempre consumiu drogas. Ao longo da história da humanidade, temos inúmeros exemplos do uso ritualístico de substâncias que possibilitassem algum tipo de alteração das funções físicas, psíquicas ou comportamentais, mas claro, sem deixarmos de lado o uso recreativo, também presente desde os primórdios da civilização.

Mas a relação entre o ser humano e o consumo dessas substâncias alterou-se ao longo da história. Ainda que o consumo perdurasse, MacRae (2014) nos conta que, durante a idade média, essa prática foi duramente castigada pela igreja católica, associando os efeitos das substâncias como pecaminosos e feitos de bruxaria. O proibicionismo, de fato, tomou força. Esse autor ressalta também, que no início do século XX, começa o movimento proibicionista nos Estados Unidos que, além do cunho religioso por parte da tradição puritana, não visava um cuidado para a população que fazia uso de drogas, voltando sua força contra grupos minoritários que já eram vistos com preconceito. Delmanto (2010) corrobora essa afirmação, destacando que o proibicionismo caracterizou-se como uma ferramenta utilizada pelo Estado para ter o controle sobre as populações marginalizadas, como imigrantes e alguns grupos raciais.

Ainda hoje, a pessoa que consome drogas é vista de maneira estereotipada, como irresponsável, incapaz de cuidar da própria vida, e principalmente associada à violência. Dessa forma, problemas estruturais da sociedade, como a má distribuição de renda, as deficiências na educação, saúde e segurança pública acabam ficando fora do foco, como afirma MacRae (2014). O crack ocupa essa posição de destaque na atualidade, como se ele, a substância, consumisse a população empobrecida e fosse o sujeito na relação droga-usuário, engendrando a dependência que resulta na violência.

Ora, “a superficialidade com que a imprensa versa sobre as drogas reflete e influencia, simultaneamente, a visão reducionista e superficial que a sociedade, o imaginário coletivo e o senso comum têm do assunto”, destaca Saback (2012, p. 299). Não é possibilitada uma reflexão maior sobre o consumo de drogas, sobretudo a respeito do crack, apenas culpabilização, criminalização e afastamento daqueles que se encontram em uma situação que não é questionada, apenas aceita como a ação de uma substância. Roso (2013, p. 240) contempla especialmente essa questão ao sinalizar que “são mais enfatizados os aspectos epidemiológicos, as consequências e custos com relação ao uso de drogas ao invés de priorizar a pessoa na sua integralidade”. Nas palavras de Nery (2012, p. 20):

(...) cada humano consumirá essa ou aquela droga, na medida de suas necessidades subjetivas e sociais. Não são as drogas que fazem os humanos – já foi dito; são os

humanos que fazem as drogas ou, se dissermos de outro modo, em função dos buracos/faltas que constituem a estrutura de nossas histórias.

O crack é um subproduto da cocaína, onde esta é misturada com bicarbonato de sódio, água e outras substâncias, resultando em pedras que podem ser fumadas, e quando aquecidas, emitem o estalo que deu nome à droga (RUI, 2014). O efeito pode ser considerado rápido, pois demora apenas alguns segundos para acontecer, tendo uma duração limitada a cinco ou dez minutos, produzindo uma intensa sensação de prazer, euforia e autoconfiança, conforme apresenta Dias (2012).

Diante disso, a medida que vem sendo empregada para o tratamento de pessoas que fazem uso de crack é a internação compulsória, estabelecida na Lei 10.216 de 6 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais, também redirecionando o modelo de assistência em saúde mental (BRASIL, 2001). Porém, mesmo que a referida lei exponha que essa modalidade de internação seja utilizada apenas como último recurso para o acesso a um tratamento, ela tem se mostrado como o recurso inicial, senão único (ROSO, 2013). Dessa forma, a internação compulsória vem se configurando como uma medida de segurança, como defende Skromov (2013), que também denuncia o caráter violento das internações forçadas, destacando a internação compulsória como um método ineficaz de tratamento.

Em meio a essa judicialização da saúde, a sociedade parece perder de vista a pessoa envolvida nessa relação, não apenas com o consumo de drogas, mas com todo o contexto social e histórico que engendra essa situação. Com este trabalho, temos o intuito de trazer à tona essa discussão, pois a história do uso de drogas é uma história do ser humano. Participamos ativamente do processo de construção da história, cada um agindo dentro de seu contexto, no seu tempo, constituindo essa grande teia: sempre fazemos algo da realidade que nos cerca.

Podemos relacionar essa necessidade de fazermos algo dessa realidade, com a liberdade da qual nos fala Sartre (2014). Não existe uma natureza humana que nos defina e sustente a realidade na qual vivemos, ela é construída por nós, somos responsáveis por ela. É o projeto existencial que demonstrará qual caminho tomamos, quais escolhas fizemos e nos constituem em quem somos. Esse processo se dá sempre através de relações, sejam essas com os outros, com a materialidade do mundo ou conosco mesmos. Guareschi (2012) afirma que o conceito de *relação* é um dos mais importantes operadores teóricos da psicologia social crítica, e destaca que “para haver *relação* não é necessário que haja duas coisas: basta apenas uma que contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro(s)” (GUARESCHI, 2012, p.61). Maheirie (1994, p. 135) complementa essa ideia ao argumentar

que “o projeto existencial compõe todas as relações, iluminando-as em um processo de totalização, destotalização e retotalização”.

A vida do sujeito é a vivência concreta de uma época, o que acontece através de contradições, reconfigurações e concomitâncias. De acordo com Maheirie e Pretto (2007), o sujeito irá significar de forma singular sua época, organizando as significações coletivas e tornando-se um sujeito único, dando uma coloração específica ao seu projeto.

Consideramos que o projeto existencial é construído continuamente através dessas significações e ressignificações, desconstruções e reconstruções, porém nunca está pronto e esperando para ser realizado. Por isso *projeto existencial*, ancorado em nossa existência concreta, gradualmente construído a partir de possibilidades e escolhas, manifesto em nossas ações, gestos e palavras. Como Sartre afirma: “isto significa que o projeto existencial estará na palavra que o denotará, não como o significado – que, por princípio, está *fora* – mas como seu fundamento original e sua estrutura mesma”. (SARTRE, 1987, p. 187).

Podemos diferenciar o projeto existencial de um planejamento de vida. No planejamento de vida consideramos uma meta a ser alcançada e a partir dela construímos nossa vida, tomando decisões e fazendo escolhas no sentido de nos realizarmos ao alcançar essa meta. Ou seja, é como uma miragem que projetamos em nosso futuro e desejamos alcançar. Aqui, temos nosso olhar voltado para o futuro.

Por sua vez, o projeto existencial não diz respeito a um fim a ser atingido. Ele se realiza na medida em que vivemos, sendo o reflexo das nossas escolhas, alienadas ou não. Também possui um componente de “algo a ser alcançado”, mas diz respeito ao que é feito efetivamente para se alcançar. O olhar não é lançado apenas para o futuro, mas para toda a relação com a temporalidade: desde o passado que nos constitui até o futuro que nos abre às possibilidades, ambos mediados pelo instante do presente. Assim, se o planejamento de vida se embasa em algo a ser alcançado, podemos dizer que o projeto existencial é sustentado, então, pela ação efetiva do sujeito no mundo.

Humano entre os humanos, estamos sempre fazendo algo do que é feito de nós, sempre em relação, construindo contextos sociais, a nós mesmos e construindo-os também. Esse movimento permeia toda a nossa vida, aquilo que somos: singulares, mas inseridos em uma coletividade que também nos constitui, portanto, também universais. Logo, se somos relação, nos resta o questionamento constante dessas relações, pois além daqueles aspectos do fenômeno que estão dados, presentes para nossa compreensão, há aquilo que está oculto, mas nem por isso deixa de compor esses fenômenos, como busca desvelar a psicologia social crítica, evidenciando relações de exclusão (GUARESCHI, 2012).

Nesse sentido, o objetivo desta dissertação é *compreender o projeto existencial de uma pessoa que viveu a experiência de internação compulsória devido ao uso de crack*. Como objetivos específicos, destacamos: questionar o assujeitamento relacionado às pessoas que fazem uso de crack; analisar o efeito do discurso de terceiros sobre o discurso da pessoa internada compulsoriamente devido ao uso de crack; identificar os processos de exclusão de pessoas que fazem uso de crack imbricados no sistema neoliberal.

Este trabalho é composto por dois manuscritos que abordam o tema projeto existencial, internação compulsória e uso de crack por duas vias diferentes, mas que convergem no questionamento de uma realidade social. Colocamos em pauta, no primeiro momento, a partir de um ensaio teórico-crítico, os olhares sobre a pessoa que faz uso de crack, tomando como base para as reflexões o mito da Medusa. Sumentados pelo existencialismo sartriano e a psicologia social crítica, buscamos salientar as relações de estigmatização e limitação de possibilidades para pessoas nessa situação.

Para a escrita do segundo manuscrito, inicialmente tivemos dificuldade no acesso a um informante. Na busca por um participante que contemplasse os critérios de inclusão estabelecidos, realizamos um levantamento dos processos de internação compulsória na 4ª Coordenadoria Regional de Saúde (4ª CRS). De acordo com levantamento realizado pela equipe de pesquisa, o ano de 2015 apresentou 12 internações compulsórias que contemplavam os critérios estabelecidos (87 internações no total). De janeiro a agosto de 2016, o número de internações que seguiam os critérios deste estudo foi 4 (40 no total). Após leitura dos 16 processos que cumpriam os critérios de inclusão, 2 deles foram excluídos deste total, pois um deles encontrava-se encarcerado em instituição penitenciária e outro internado em uma clínica em outra cidade.

Conforme previsto no projeto guarda-chuva, o contato inicial com os possíveis participantes na pesquisa foi feito por uma residente em saúde mental lotada na 4ª CRS. Dos 14 processos, apenas 8 apresentavam telefone para contato. Feitas as ligações, outro processo foi excluído em função de encarceramento. Dos 7 restantes, 6 estavam com o contato telefônico desatualizado e 1 só foi possível o contato com o familiar.

Enquanto a equipe da pesquisa guarda-chuva pensava em alternativas para conseguir um participante para a pesquisa, os estudantes de nossa universidade adensaram o movimento de ocupações de seus prédios, como resposta à tramitação da PEC 55 no Senado Federal. A equipe de pesquisa também se inseriu nesse contexto, desenvolvendo com os estudantes atividades de reflexão sobre participação política, estado e cidadania. Durante este processo de

ocupação conhecemos um possível participante, que acabou por aceitar o convite para nos contar sua história.

O segundo manuscrito traz a voz deste participante que foi internado compulsoriamente devido ao consumo de crack. Evidentemente sua experiência não se resume a essa situação, e é exatamente isso que intentamos demonstrar a partir de sua narrativa. Esse estudo partiu de uma abordagem qualitativa, onde realizamos entrevistas em profundidade e conversas informais registradas em diário de campo. Nesse segundo momento, também recorremos ao existencialismo sartriano e à psicologia social crítica para a análise da narrativa. O informante participou da pré-análise das entrevistas, elucidando pontos de sua história e suscitando questionamentos que foram retomados em um segundo momento. Após a finalização dos trabalhos, antes da submissão do manuscrito para avaliação, retomaremos sua narrativa juntamente com ele, em um encontro a ser marcado, como uma forma de continuar co-construindo a análise feita a partir de sua história.

Na sequência, trazemos as conclusões dessa dissertação, momento no qual convergem as discussões apresentadas nos dois manuscritos. Por fim, apresentamos as considerações finais, percorrendo acerca do percurso do mestrado, para além da produção de uma dissertação.

Essa dissertação é vinculada ao projeto de pesquisa “PROCUIDADO - O cuidado que nós desejamos: uso de crack e representações em saúde. Experiências de internação compulsória”<sup>1</sup> (projeto guarda-chuva). Esse projeto é realizado pelo grupo de pesquisas Saúde, Minorias Sociais e Comunicação (SMIC), sob coordenação da orientadora da dissertação.

---

<sup>1</sup> Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (CAAE: 31747214.7.0000.5346). A pesquisa conta com o apoio do CNPq, via Bolsa de Produtividade em Pesquisa, e da 4ª Coordenadoria Regional de Saúde do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

**MANUSCRITO 1 - O OLHAR DA MEDUSA: REFLEXÕES SOBRE O USO DE  
CRACK E A INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA.<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> Manuscrito retirado para submissão em revista.

**MANUSCRITO 2 - “A FACULDADE FOI A MELHOR COISA QUE EU INVENTEI  
PRA FUGIR DO CRACK”: NOTAS SOBRE PROJETO EXISTENCIAL.<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> Manuscrito retirado para submissão em revista.

## DISCUSSÃO

Introduzimos este trabalho expondo os temas sobre os quais nos debruçamos: o uso de crack, a internação compulsória e o projeto existencial. Nos dois estudos que se seguiram, buscamos aprofundar esses temas, lançando o nosso olhar sobre eles a partir de duas perspectivas, uma teórica e outra empírica, que convergem nesse momento.

Para além de dois estudos diferentes, o que aproximamos agora são narrativas: uma sobre um mito, outra sobre uma vida. Onde elas se cruzam? Talvez nos momentos em que Erik foi petrificado pelo olhar do outro, talvez nas situações em que ele transcende esse olhar e segue em direção às suas possibilidades. Afinal, ele acaba esse período narrado escolhendo-se universitário, projetando uma carreira e vislumbrando um futuro.

Ele reconhece os problemas que teve devido ao uso de crack, mas também conhece as maneiras de contorná-los. Se pensássemos o crack como sendo a Medusa e Erik como Perseu, poderíamos considerar que, agora, ele carrega a cabeça do monstro em seu alforje. Os poderes de Medusa continuam presentes, ainda podem petrificar aquele que ousar cruzar sua vista, mas estão resguardados, suspensos até que a situação seja diferente, que outras possibilidades estejam disponíveis.

Afinal, a relação do consumo de drogas se dá sempre em situação, por isso a impossibilidade de uniformizar “tratamentos para a dependência”, pois não existe o *usuário-de-drogas*, e sim tipos e contextos de uso, cada pessoa com sua significação do consumo que faz. Como afirma Espinheira (2004, p. 12-13): “não são as drogas, mas as razões do consumo e a natureza do que se consome que caracterizam a ação social do uso das drogas”.

Ao falarmos sobre internação compulsória, entramos em uma questão de normatização da vida, onde as aberturas para o desenvolvimento da vida só são possíveis àqueles que se enquadram em uma determinada organização social, desempenham uma função no sistema capitalista e participam da sociedade como “cidadãos de bem”. Quaisquer pessoas que projetem um caminho diferente, ou seja, desviem da norma, têm a possibilidade de serem “enquadradas” de volta ao sistema, visto o advento de ferramentas que asseguram essa normatização, como a internação compulsória.

Essa lógica de segregação dos diferentes é histórica. As lutas antimanicomiais e a consequente reforma psiquiátrica nos prestaram um alento na esperança de uma mudança de perspectiva, da normatização para a compreensão, do afastamento para a inclusão. Mas a história retrocede, e temos diante de nós o instrumento da internação compulsória que, de acordo com Amarante (2013), apresenta-se como um retrocesso no processo de reforma

psiquiátrica, criminalizando e estigmatizando o usuário de drogas, apontando-o como indesejado e inimigo da sociedade.

Apenas a primeira internação de Erik foi compulsória, mas a história dele nos mostra a recorrência das internações, o movimento abstinência-recaída-internação, tão presente nas abordagens sobre uso de drogas utilizadas majoritariamente na atualidade. De qualquer forma, ainda que tenha vivido esse processo, foi a compreensão de seu próprio uso do crack que possibilitou seu afastamento da droga. Isso salienta a importância de colocar o foco sobre o sujeito que usa a droga, e não sobre ela mesma.

Possibilitar que ele seja ouvido, que seus saberes sejam considerados, de forma que ele mesmo sinta-se parte de um processo que respeita seu desejo. Se a abstinência é o objetivo, que parta de desejo do sujeito, tal como foi com Erik. Esse é o caminho da redução de danos, onde parte-se da situação que se apresenta, não tentando negá-la ou modifica-la através de discursos moralizantes e impositivos. “Trata-se de uma atitude que respeita o indivíduo e oferece meios acessíveis de melhorar sua qualidade de vida, principalmente no que se refere à saúde”, como afirma Silveira (2008, p. 9.).

Observando o projeto de Erik, fica difícil tentarmos questionar se ele foi assujeitado em algum ponto de sua trajetória, tendo em vista que essa construção partiu da narrativa dele, com a participação dele em reflexões e questionamentos. Colocamos o sujeito no centro de nossa abordagem de forma que conseguimos perceber uma teia de relações, não uma redução a um caso específico. Por outro lado, a teoria revela a possibilidade desse assujeitamento, como ficou exposto no primeiro manuscrito. Para que isso aconteça, basta subir no “pedestal do saber” e olhar lá de cima a outra pessoa. Talvez possamos pensar que é a relação vertical que assujeita o outro, e não a situação específica na qual ele se encontra.

Encaminhando-se para uma discussão derradeira, lembramos que por maior que tenha sido a amplitude que tentamos dar à exposição do projeto existencial de Erik, ele não pode ser resumido àquelas páginas, nem aos questionamentos e reflexões suscitados, pois é uma narrativa, logo, sempre haverá mais a ser narrado. Como constante processo de construção, ele segue seu caminho ao longo de sua existência, vivenciando as possibilidades e fazendo suas escolhas. Que não são nem certas, nem erradas, apenas possíveis, pois só podemos julgar uma escolha quando ela desvela seu resultado, transformando-se em consequência.

O mito da Medusa também não termina com a fuga de Perseu do covil das Górgonas. Diz-se que, após sua fuga, ele passa a usar a cabeça da Medusa para petrificar seus inimigos. Ora, ele usou da “reflexão” para derrotar o monstro que petrificava, e agora toma para si o poder petrificante! Diante disso, nos questionamos: em que medida nós (de maneira geral) não

tomamos o nosso uso da reflexão, nossos saberes, como corretos, utilizando-se deles para petrificar os outros? Até que ponto não hierarquizamos o nosso conhecimento particular em detrimento dos outros, desqualificando-os?

Finalizamos essa discussão deixando essas questões em aberto, acreditando que é através do questionamento e da crítica que podemos desconstruir contextos excludentes e relações de dominação, como uma forma de produzir possibilidades. Afinal, não seria uma questão ética que as pesquisas, de maneira geral, visassem esse processo?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de discorrermos um pouco sobre a trajetória no mestrado. Muito falamos ao longo dessa dissertação sobre a necessidade de um olhar ampliado sobre os fenômenos, e é disso que tratamos aqui: o percurso do mestrado não se resume à produção de artigos ou da dissertação. Claro que esse tipo de produção é importante, mas o mestrado busca formar não apenas pesquisadores, mas também docentes, e as vivências que preparam para a docência vão muito além da escrita.

Realizamos um curso de extensão, intitulado “Pensando sobre crack e internação compulsória: olhares, (des)construções e possibilidades”, onde discutimos questões teóricas que fornecem base para pensarmos esses temas, mas também debatemos a prática profissional acerca do uso de drogas. O público foi formado por estudantes de graduação de diferentes cursos (como psicologia, medicina, terapia ocupacional) de diferentes universidades da cidade, além de residentes em saúde mental.

Esse tipo de abordagem se mostrou bastante válido por possibilitar um compartilhamento de nossos estudos de uma forma um pouco menos acadêmicas, como uma troca de saberes entre diferentes áreas. Além disso, àqueles que estavam no início de sua graduação, possibilitou desde já um olhar para temas que não costumam ser discutidos em sala de aula.

Além desse curso, realizamos algumas oficinas, juntamente com outros integrantes do grupo de pesquisa. Uma delas aconteceu em escolas de ensino fundamental ocupadas por estudantes, no primeiro semestre de 2016, tendo como tema o uso de drogas. Buscamos possibilitar outras reflexões sobre o tema, como a redução de danos, tendo em vista que a maioria dos discursos sobre drogas para adolescentes tem o viés da abstinência e do preconceito.

Realizamos também oficinas nas ocupações da UFSM, em novembro e início de dezembro de 2016, com o intuito de discutir o fascismo. Ao todo, essa oficina aconteceu em quatro centros diferentes, ocupados por estudantes. De uma maneira muito interessante, acontecia que, mesmo que as discussões sobre o tema começassem de maneiras diferentes, as reflexões e questionamentos sempre se encaminhavam no mesmo sentido: o reconhecimento dos diversos fascismos que vivenciamos diariamente, mas principalmente, das posições fascistas que todos ocupamos eventualmente, principalmente no sentido da imposição de saberes.

Ao falar da ocupação da universidade, não é possível deixar de falar um pouco de minha própria experiência (pedindo licença para falar em primeira pessoa) como ocupante do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, durante aproximadamente 30 dias. Certamente, foi um dos períodos mais significativos nesse percurso do mestrado. Claro que muitas dificuldades apareceram, como conciliar, principalmente, a escrita da dissertação e a busca pelo participante para a narrativa da história de vida com as atividades da ocupação. Ainda assim, os debates que lá aconteciam, a organização dos atos e manifestações e, certamente, a convivência em um ambiente coletivo, com muitas pessoas diferentes, possibilitou questionar inclusive o meu percurso acadêmico. Ainda que eu já tivesse essa perspectiva, a necessidade do engajamento na reivindicação de direitos assumiu um novo significado, ressaltando a necessidade da união das diferentes categorias (estudantes, servidores públicos, trabalhadores do setor privado) na luta por melhores condições sociais.

O mestrado dura dois anos, mas parece passar em seis meses, com o peso de dez anos. É bastante cansativo, sim, física e mentalmente. Mas olhando para trás, para a nossa própria espiral, faríamos algo diferente? Que possibilidades haviam além do mestrado? Pouco importam. Escolhemos esse caminho, e ele nos constitui no que somos hoje. Gostaríamos de ir além nas análises, nas reflexões e discussões sobre tudo o que foi tratado aqui, mas como em toda espiral, é chegada a hora da próxima volta. Porém, algumas coisas ainda precisam ser ditas, então vamos a elas.

Pensar o projeto existencial na contemporaneidade certamente é um tema que possibilita mais reflexões (aliás, como pensar sobre o projeto existencial de alguém sem nos questionarmos sobre o nosso?). A era da informação na qual vivemos, com tempos e espaços acelerados, como exploramos anteriormente, pode trazer consigo uma série quase infinita de possibilidades. O que se preserva, no entanto, é a nossa condição humana. Precisamos fazer algo dessa realidade, na mesma medida em que ela faz algo de nós.

Freud (2010) já dizia que é impossível enfrentar a realidade o tempo todo sem nenhum tipo de fuga. O uso de drogas possibilitaria essa fuga, mas talvez esse seja apenas um aspecto de um fenômeno maior, que caracteriza a necessidade de *termos que fazer algo*. Nesse sentido, pensando na aceleração dos contextos que vivenciamos, na liquidez das relações e na necessidade do engajamento na própria vida, seria possível designar uma espécie de *crise existencial contemporânea*? Além disso, na relação com o olhar do outro, como poderíamos compreender esse aspecto da constituição do sujeito, quando essa relação já extrapola o olhar imediato em função da massificação das redes sociais na internet? A questão que toma forma aqui é a de que o mal-estar pode ter assumido novos contornos na contemporaneidade. Sem

dúvidas, uma possibilidade para que outros estudos venham lançar luz sobre esses questionamentos.

De qualquer forma, ainda que sejamos liberdade em situação, estamos sempre em conflito com a liberdade do outro. Ainda que nos engajemos em uma ação, em um sentido, estamos inseridos em um sistema neoliberal, nos debatendo entre ideias e olhares que podem cercar essa liberdade. E não há como escapar dessa situação, senão pela nossa ação. Como brada Garcin na peça teatral *Entre Quatro Paredes*: O inferno são os outros.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, B. S. “Idade doida da pedra: configurações históricas e antropológicas do crack na contemporaneidade. In: L. F. SAPORI; R. MEDEIROS (Ed.), **Crack: um desafio social**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.
- AMARANTE, P. Na contramão da internação compulsória. [Entrevista disponibilizada em 15 de março de 2013, a Internet]. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/32156>.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtorno – 5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BAUER, M. W., & GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático**. 12a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CHAVES, T. V.; SANCHEZ, Z. M.; RIBEIRO L. A.; NAPPO, S. A. Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n.6, p. 1168-1175. 2011.
- DELMANTO, J. **Imperialismo e proibicionismo: raízes e interesses da proibição das drogas e da suposta guerra ao tráfico**, 2010. Recuperado em 24 de abril, 2016, de <http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/imperialismo-e-proibicionismo-jlio-delmanto.pdf>
- DIAS, A. C. **Crack: reflexões para abordar e enfrentar o problema**. 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ESPINHEIRA, G. Os tempos e os espaços das drogas. In: A. TAVARES; A. R. B ALMEIDA; A. NERY F. (Orgs.). **Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo**. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA, 2004.
- FIOCRUZ. **Livreto domiciliar**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas v. 18).
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6a ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILL P.; STEWART K.; TREASURE E.; CHADWICK B. Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus group. **British dental journal**, v. 204, n. 6, p. 291-295, 2008.
- GOFFMAN, R. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4a ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 5a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica: como prática de libertação**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2012.

GUARESCHI, P. A categoria “excluídos”. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 12, n. 3-4, p. 4-12. 1992

HERNÁNDEZ, J. V. Liberalismo, Neoliberalismo, Postneoliberalismo. **Revista Mad**. n. 17, p. 66-89. 2007.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

BRASIL. **Lei Nº 10.216**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo em saúde mental. Diário Oficial da União. Brasília, 2001.

MACRAE, E. A história e os contextos socioculturais do uso de drogas. In. Brasil. **Curso de prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Ministério da Justiça. 6ª ed. SENAD-MJ / NUTE-UFSC, 2014

MAHEIRIE, K.; PRETTO, Z. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. **Revista do departamento de psicologia – UFF**, v. 19, n. 2, p. 455-462, 2007.

MAHEIRIE, K. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MALHEIROS, L. Tornando-se um usuário de crack. In: A. NERY FILHO; E. MACRAE; L. A. TAVARES; M. RÊGO; M. E. NUÑEZ (Orgs.). **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012.

MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Psicologia**. Brasília, DF, 2004.

NERY, A. F. A. Por que os humanos usam drogas? In: A. NERY F.; E. MACRAE; L. A. TAVARES; M. RÊGO; M. E. NUÑEZ (Orgs.). **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012.

OLIVEIRA, C. M. C. A psicanálise existencial de Jean-Paul Sartre na peça “Entre Quatro Paredes”: o jogo de espelhos no encontro com o Outro. **Anais do I Simpósio de Psicologia Fenomenológico-Existencial**. Fundação Guimarães Rosa, Belo Horizonte, 2008.

REYES, R. de M. M. **A superação do solipsismo em Sartre**. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

RIBEIRO, S. L.; LUZIO, C. A. As diretrizes curriculares e a formação do psicólogo para a saúde mental. **Psicologia em Revista**, v. 14, n. 2, p. 203-220, 2008.

ROMANINI, M.; ROSO, A. Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, n. 1, p. 82-97, 2012.

ROSO, A. Drogas, direitos e discursos públicos: inquietações com relação às modalidades de internação de pessoas que fazem uso de crack. In: J. C. Londero, & C. A. H. Birnfeld (Ed.). **Direitos sociais fundamentais: contributo interdisciplinar para a redefinição das garantias de efetividade**. Rio Grande: FURG. 2013.

ROSO, A. **Cultura sexual e reprodutiva em tempos de AIDS: análise transcultural dos discursos relacionados à transmissão materno-infantil do HIV-1**. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

ROSO, A. Comunicação. In: M. JACQUES; M. STREY; M. BERNARDES; P. GUARESCHI; S. CARLOS; T. M. G. FONSECA (Orgs.). **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RUI, T. **Nas tramas do crack: etnografia da abjeção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

SABACK, A. Drogas – ideologias e discursos: reflexões a partir da mídia eletrônica. In: A. NERY F.; E. MACRAE; L. A. TAVARES; M. RÊGO; M. E. NUÑEZ (Orgs.). **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012.

SANTOS, B. S. Os Processos da globalização. In: B. DE S. SANTOS (Ed.), **Globalização: fatalidade ou utopia?** Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. 23a ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

\_\_\_\_\_. **O Idiota da Família**. Gustave Flaubert de 1821 a 1857. Volume 1. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013b.

\_\_\_\_\_, J. P. **Questão de método**. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

SILVEIRA, D. S. de. Reflexões sobre a prevenção do uso indevido de drogas. In: M. NIEL, D. S. de SILVEIRA. **Drogas e redução de danos: uma cartilha para profissionais da saúde**. Ministério da Saúde. São Paulo, 2008.

SILVEIRA, D. X. DA; DOERING-SILVEIRA, E. Classificação das substâncias psicoativas e seus efeitos. In: Ministério da Justiça. **Curso de prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias (6ª ed.)**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. SENAD-MJ / NUTE-UFSC, 2014.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SCHNEIDER, D. R. O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para a psicologia. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 8, n. 2, p. 289-308, 2008.

SCHNEIDER, D. R.; CASTRO, D. J. Contribuições da psicologia existencialista para a psicologia social crítica. **Cadernos de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 139-149, 1994.

SKROMOV, D. Internações: Aspectos jurídicos, políticos e sua interface com a saúde mental. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Drogas, Direitos Humanos e Laço Social**. Brasília: CFP, 2013.

TOMM, E., ROSO, A. Adolescentes e crack: pelo caminho das pedras. **Fractal**: revista de psicologia, v. 25, n. 3, p. 675-692, 2013.

VALENÇA, T. Possíveis aproximações entre a cultura do uso do crack e uma política pública. In: E. Macrae, E.; L. A. Tavares; M. E. Nuñez (Ed.). **Crack**: contextos, padrões e propósitos de uso. Salvador: UFBA: CETAD, 2013.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Santa Maria  
 Centro de Ciências Sociais e Humanas  
 Departamento de Psicologia  
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: “PROCUIDADO – O Cuidado que Nós Desejamos: Uso de Crack e Representações em Saúde. Experiências de Internação Compulsória”

Pesquisador responsável: Professora Doutora Adriane Roso

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (55) 84032166 ou (55) 96174950

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa de forma totalmente voluntária. Porém, antes de concordar e responder a entrevista (conversa) é importante que você compreenda as informações contidas neste documento, pois o pesquisador deverá responder todas as suas dúvidas. Além disto, você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou perda de benefícios aos quais tenha direito.

A pesquisa objetiva conhecer as representações sobre o crack e a pessoa que usa crack, analisar como e em que condições de produção as representações sobre o crack constroem, restringem ou transformam o cuidado à saúde de pessoas que foram internadas compulsoriamente devido ao uso do crack, problematizar a experiência da internação compulsória de pessoas que usam crack observando como essa experiência interatua nos processos de (auto)cuidado à saúde nas suas interrelações com a sociedade de consumo. Para tanto estão sendo convidados mulheres e homens maiores de 18 anos que tenham sido internados compulsoriamente devido ao uso do crack. Após sua autorização serão feitas perguntas referentes à sua percepção com relação ao crack, às suas experiências em relação à internação e aos cuidados à saúde. A entrevista será gravada em gravador digital, caso você não desejar, sua vontade será respeitada. O dia e horário para realização da entrevista será marcado com você conforme a sua disponibilidade. O tempo de duração da entrevista será conforme você desejar.

Os benefícios aos participantes são a oportunidade de falar sobre suas experiências e de compartilhar seus sentimentos, isso poderá auxiliar na elaboração de ações em saúde voltadas às demandas de pessoas que fazem uso de crack. Como não vamos testar, nem experimentar nenhum procedimento novo, poucos poderão ser os riscos para os participantes, mas, caso sejam identificados situações de desconforto psicológico, o pesquisador avaliará a situação e manterá contato com você, caso houver necessidade, encaminhará você a um serviço de atendimento psicológico.

Os participantes poderão solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sem que isto lhes traga prejuízo. Os pesquisadores se comprometem a preservar a privacidade dos participantes. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução desse projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no departamento de psicologia por um período de cinco anos após o término da pesquisa sob a responsabilidade da professora coordenadora da pesquisa, Dra. Adriane Roso, na sala 3210A do departamento localizado na Av. Roraima, 1000, Prédio 74B, Sala 3210ª, Cidade Universitária, Bairro Camobi, CEP 97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil, em local protegido por senha, no caso de material digital, e por chave no caso de material impresso. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 04/08/2014, com o número do CAAE 31747214.7.0000.5346.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com a professora coordenadora da pesquisa. Ou, ainda, se quiser maiores esclarecimentos poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa/UFSM:

Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - Sala 702 Cidade Universitária – Bairro Camobi 97105-900 – Santa Maria-RS Tel.: (55)32209362 - Fax: (55)32208009 e-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br.

Eu, \_\_\_\_\_ estou ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, aceito participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando uma via comigo e a outra com a pesquisadora.

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura ou Impressão digital da(o) participante

\_\_\_\_\_  
 Nome da Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Pesquisadora Responsável